A POESIA NA ESCOLA: por uma proposta lúdica e dialógica em sala de aula

Vaneide Lima Silva - UEPB

RESUMO

Este artigo objetiva apresentar uma proposta de leitura de poemas que favoreça a interação entre o leitor em formação e a poesia. Trata-se uma abordagem de leitura a partir do poema "Leilão de jardim", de Cecília Meireles, que integra a coletânea *Ou Isto Ou Aquilo* e pretende valorizar o contato e a sensibilidade do aluno e a poesia, além de propiciar o diálogo entre este gênero literário e outras formas de arte, como a pintura e o teatro, por exemplo. Fundamenta teórico e metodologicamente o trabalho as reflexões de Pinheiro (2007), Resende (1993), Candido (1997), dentre outros. Cremos que a proposta possa ser desenvolvida por alunos do 6º ano do ensino fundamental, mas o nível de leitura dos alunos de modo geral deve ser o fator principal a ser levado em consideração na hora da leitura do poema. A sequência didática que propomos surge a partir da constatação de que o livro didático não valoriza nas atividades sugeridas após a leitura dos poucos poemas que comparecem nesse instrumento de ensino a ludicidade da linguagem que caracteriza o texto literário, especificamente da poesia, assim como não favorece a interação entre o poema e o leitor.

Palavras-chave: Poesia. Livro didático. Proposta lúdica de leitura.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O livro didático ainda é, na maioria das escolas, um dos únicos recursos de ensino mais utilizados, sendo, por sua vez, através deste instrumento que o aluno da educação básica tem os primeiros contatos com a literatura. Desse modo, espera-se que a quantidade e a variedade de textos sejam suficientes para que o leitor em formação desenvolva o gosto e o interesse pela leitura do texto literário, construindo, assim, sua história de leitura literária.

A preocupação com um ensino de qualidade da Literatura motivou, há cerca de duas décadas, estudos voltados para a abordagem da literatura no livro didático e essas pesquisas apontam para várias limitações ou maneiras inadequadas de exploração do texto literário. Na década de 90 desenvolvi um estudo que revelou o modo utilitário com que o poema era abordado por variados livros didáticos (PEREIRA E SILVA, 1996).

Estudos mais recentes continuam a demonstrar que pouca coisa mudou em relação ao tratamento dispensado ao poema no livro didático. Há cerca de um ano orientei dois trabalhos de conclusão de curso na UEPB, universidade onde atuo como docente, que buscaram analisar a abordagem dispensada ao poema em livros didáticos do ensino fundamental: um estudo

tomou como objeto de estudo um livro voltado para o quinto ano desse nível de ensino (SILVA, 2014) e outro dedicado ao nono ano (MARIA NETA, 2013).

Ambos os estudos apontam uma abordagem redutora da poesia nos livros, confirmando a constatação que Maia (2001) também identifica em sua pesquisa. Dentre as principais limitações apontadas por essa autora, podemos destacar a fragmentação dos textos e a utilização dos poemas como pretexto para a exploração de aspectos linguísticos. Esses problemas restringem o contato dos alunos com a literatura, especialmente com a poesia, uma vez que a abordagem, dentre outras limitações, não favorece o interesse do pequeno leitor pela leitura do poema. Tal abordagem inviabiliza a apreciação do valor estético da poesia e não possibilita a reflexão. Ou seja, a maioria das questões que os autores dos livros propõem não favorece ou valoriza o ludismo que caracteriza a linguagem da poesia. Desse modo, faz-se necessário pensar e propor atividades que aproximem o leitor em formação do poema e da Literatura em geral, já que, no caso da poesia, acreditamos que esse gênero, foco do nosso interesse, tende a desenvolver no aluno o gosto e o interesse pela leitura, através da sensibilidade e criatividade inerentes ao texto poético, desde, é claro, que o poema lhe seja apresentado de maneira dinâmica, criativa e, sobretudo, lúdica, já que a literatura, em sua essência, tem uma natureza também lúdica. Não podemos esquecer que o aluno do ensino fundamental ainda não deixou de ser criança, cujo universo, assim como o mundo poético, é repleto de encantamento, recheado de imagens, jogos de palavras que vão ao encontro da alma infantil e detém o poder de despertar a emoção e a sensibilidade de forma peculiar.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA POESIA E SUA FUNÇÃO SOCIAL

A poesia infantil caracteriza-se por sua forma particular, por seu trabalho da linguagem sobre si mesma. Sua relação com o leitor é assegurada a partir da iniciação do encantamento, da beleza, do gosto pelo ritmo, jogo de palavras, além de imagens. Conforme define Pondé (1986), a poesia é, por excelência, um dos meios de se criar novas linguagens, além de respeitar o mundo da criança que tem uma lógica particular. Essa experiência peculiar de

produzir algo novo é o que determina o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, fantasia, ampliando, assim, sua compreensão sobre o real.

Nesse sentido, é imprescindível a contribuição da poesia para o desenvolvimento da sensibilidade como arte possibilitadora da reflexão, da humanização de si próprio. De acordo com o que defende Bordini (1986, p.8): “a experiência do poema propicia o alargamento dos conteúdos da consciência por uma tomada de posse do desconhecido, suscitado pelo desafio das formas e ideias”. A poesia não propõe só o domínio da palavra, mas pode desenvolver a personalidade da criança através do desenvolvimento da sensibilidade estética, imaginação e criatividade, favorecendo uma nova forma de comunica-se com o mundo, assim lembra Averbuck (1985).

Uma das características responsáveis por tamanha significação e poeticidade são os elementos inerentes a sua organização que fazem com que sua linguagem torne-se especial, pois como escreve Pondé (1986, p. 128), a linguagem dos poemas revela-se além das palavras, “a experiência poética é irredutível à palavra, embora só a palavra a exprima”. Dessa forma, vale lembrar que os elementos que constituem o corpo da poesia, tais como as imagens, sons e ritmos, precisam ser valorizados, pois é por meio deles que o poeta pode trabalhar o humor e o ludismo verbal para desencadear nas crianças o prazer no ato de ler. Os poemas brincam com jogos de palavras que aguçam a imaginação, prendendo a atenção da criança e aumentando a capacidade dela de criar novos jogos de palavras, suscitando, sua criatividade e imaginação.

Ao selecionar poesia para o trabalho em sala de sala, é necessário verificar a qualidade estética, pois nem toda poesia tem preocupação de adequar sua linguagem e seus temas ao universo infantil. Como lembra Averbuck (1985, p.73), não podemos compartilhar do equívoco de que criança “não percebe aspectos específicos do texto poético, ou mesmo de que ela não se importa com os elementos formais”. Essa ideia revela-se errônea, pois a criança é extremamente sensível e exigente com a beleza estética. Vale lembrar que o gosto pela poesia pode advir do inusitado arranjo da palavra no papel, do ritmo ou da imagem. É o que assegura Pondé (1986, p. 131):

> A poesia preserva esta magia natural do homem, libertando-o das convenções e levando um retorno ás origens. Com este processo, instaurado pela linguagem, a dominação do adulto sobre a criança se dilui porque o adulto volta-se para o mundo da criança, sem mostrar-se superior.

O professor, como precursor na condução do processo de mediação no ato da leitura, precisa lembrar-se da responsabilidade que lhe é cabível: ser um provocador deste estado poético, usando, inicialmente, sua "sensibilização" para promover a aproximação e vivenciar a "descoberta" do poético, preocupação que ainda não constitui uma prática cotidiana para muitos alunos.

Pinheiro (2007, p. 26) tece algumas condições que considera "indispensáveis" no trabalho com a poesia, sugerindo o seguinte:

> A primeira condição indispensável é que o professor seja realmente um leitor, que tenha uma experiência significativa de leitura. Por experiência significativa não quer dizer ser um erudito, antes, alguém que embora tenha lido poucas obras, o fez de forma proveitosa. Conheça poemas centrais de determinados poetas, temas recorrentes, peculiaridades de linguagem. Tendo em vista a debilidade de nossa formação literária, não podemos ficar sonhando com um professor que conheça "tudo", que saiba de cor dezenas de poemas. Se existir algum assim, é preciso que organize sua experiência para transmiti-la de forma adequada e eficiente a seus alunos. Um professor que não é capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com o ritmo de um determinado poema, dificilmente revelará na prática, que a poesia vale a pena, que a experiência simbólica condensada naquelas palavras são essências de sua vida.

Dessa forma, a experiência do professor, o cuidado com a seleção do material didático e, sobretudo, a atitude de refletir e estar atento a procedimentos específicos ao trabalho com o gênero poético são de suma importância para que a experiência, sentida e transmitida aos alunos possibilite a assimilação de suas potencialidades de forma significativa.

É ponto aceito sem contestação que o texto poético, enquanto objeto artístico cumpre uma pratica ética e social e, por conseguinte possibilita a emancipação da criança e a assimilação dos valores da sociedade. A esse respeito, não podemos deixar de refletir sobre algumas indagações que contribui para que o trabalho com o texto poético seja realmente significativo: o porquê da escolha da poesia? Qual a função social da poesia, ela tem uma função social? Esses questionamentos são necessários porque, sem a devida

reflexão, podemos estar contribuindo para a marginalização da poesia no cotidiano da sala de aula, pois para que ela atinja sua função social, é preciso estar atento ao objetivo que se deseja alcançar quando se aborda o texto poético.

A falta de atenção a esse aspecto pode e quase sempre leva a equívocos: a escola, na maioria das vezes, generaliza a poesia, colocando-a como algo que objetiva unicamente a aquisição da leitura e da escrita. Dessa forma, explica-se o uso da poesia como um texto secundário, que serve de pretexto para a assimilação de regras de comportamento social, valores cívicos e sociais, dentre outros fins moralizantes.

A crítica em geral tem apontado elementos que caracterizam a poesia infantil atual: a simplicidade da linguagem, sem abrir mão dos jogos de palavras que resultam no humor e na alegria; enfim, o jogo com a linguagem que prioriza o universo infantil, além de temas que se aproximam do universo desse público.

Cabe à escola refletir sobre a abordagem da poesia, cuja leitura não vem formando leitores e, principalmente, não vem aproximando a literatura do aluno, devido à maneira insatisfatória que o texto poético vem sendo explorado no âmbito da sala de aula. Tem-se uma abordagem que insere o poema numa posição secundária no livro didático, inexistindo um tratamento que valorize o seu teor lúdico. Com isso, a poesia deixa de atingir sua função social, que consiste no seguinte:

> Para além de qualquer intenção especifica que a poesia possa ter, [...] há sempre comunicação de alguma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar, ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras - o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade (ELLIOT, 1991, *apud* PINHEIRO, 2007, p. 22).

Nesse sentido, a poesia diferencia-se de outras artes, por proporcionar sempre a comunicação de uma experiência nova, ou seja, ela acaba se tornando uma aliada que ajuda adentrar no mundo da criança, fazendo com que se perceba de modo especial as particularidades da criança. O pensamento de Elliot encontra-se em consonância com o de Pondé (1986, p. 27), quando declara que a linguagem da poesia é altamente condensada e emotiva, sendo, assim, capaz de sensibilizar também de maneira intensa, pois

“sua apreensão é emocional, globalizante”. Com efeito, a poesia permite que a criança imagine crie e recrie seu próprio universo com características particulares. Sobre esse aspecto, Coelho acredita que ela tem o poder de descobrir algo sobre nós, capaz de nos revelar o mundo especial:

> Poesia é arte, é a beleza descoberta em alguma coisa ou em nós: é um sentido especial que o mundo adquire de repente; é uma forma peculiar de atenção que, com simplicidade e verdade, vai até a raiz das coisas para revelá-las de uma nova maneira (COELHO, 2000, p.154).

Mas, para que a poesia valorize essa característica (objeto artístico), é preciso estar atento à forma como o poeta nos comunica (papel da crítica) e, por conseguinte, o modo como é transmitida ou apresentada ao leitor. Tomá-la como um texto sem qualidade artística, como faz o livro didático, é desconsiderar esse traço, desrespeitando, assim, sua essência lúdica. É necessário o entendimento de que ela terá sua função social atingida quando “captarmos o brilho do olhar de nosso aluno, na hora da leitura” (PINHEIRO, 2007, p. 23). Trata de uma experiência íntima que só pode ser percebida no momento de interação artista/público, quando seus efeitos se fizerem sentir nesse último.

SOBRE A POESIA NO LIVRO DIDÁTICO

Apesar dos inúmeros trabalhos que vêm discutindo o lugar da poesia na escola, ainda concordamos com Pinheiro (2007, p. 25), quando afirma que a poesia “é dos gêneros literários mais distantes em sala de aula, a tentativa de aproximá-la dos alunos deve ser feita de forma planejada”. Esse planejamento, deve se estender para o livro didático, instrumento de ensino que ainda limita bastante a abordagem da literatura e cujo trabalho de leitura ainda não vem formando leitores do texto literário.

Primeiro, porque a maioria dos nossos professores não conhece ou tem familiaridade com os autores da Literatura Infantil ou não se identificam com a Literatura (PINHEIRO, 2007), não se sentindo à vontade para explorar os textos em sala de aula, preferindo, assim, seguir as atividades propostas pelos livros didáticos, que, por sua vez, não apresentam atividades satisfatórias para a abordagem dos textos literários.

Em relação à poesia, observa-se que, no geral, as atividades são as mesmas que se aplicam para os textos não literários, evidenciando, desse modo, a falta de consideração pela essência lúdica inerente à poesia. Considerando-se que esse instrumento de ensino (o livro didático) desempenha papel decisivo, por representar, muitas vezes, o primeiro contato sistemático dos alunos com os textos poéticos, a qualidade dos textos, bem como sua quantidade deve ser o mais variado possível, pois, conforme já afirmamos, esse material pode ser o único suporte de leitura do aluno, principalmente o da escola pública. A abordagem deve favorecer o interesse dos educandos e, sobretudo, despertar o gosto pela leitura da Literatura.

É importante salientar que do final da década 60 até os dias atuais o manual didático passou por diversas transformações significativas, porém, muitos estudiosos criticam o modo como os textos poéticos são apresentados e trabalhados nesse recurso didático, a exemplo de Lajolo (1994, p. 42), que acredita ser uma relação mal resolvida a do texto poético e o livro didático. A autora considera “sendo ainda hoje pobre o repertório disponível para seleção dos textos que integram os livros escolares”.

Algo ainda mais grave que a precariedade dos textos é quando o poema aparece para servir de “pretexto”, seja de modelos de comportamento, ou de procedimentos linguísticos, ou seja, quando os textos poéticos são utilizados como suporte para exploração dos aspectos gramaticais e ortográficos. Dessa forma, “os poemas ainda são apresentados para serem interpretados a partir de um modelo”, assegura Pinheiro (2008, p.19). Observamos que em grande parte dos livros didáticos os poemas vêm seguidos de exercícios de interpretação que conduzem os leitores a uma compreensão superficial do texto poético, sendo predominante o interesse em explorar a gramática ao invés dos elementos imanentes ao poema, proposta que anula toda poeticidade, inviabilizando a reflexão e a sensibilização do leitor. No geral, o manual didático ainda reflete uma visão interpretativa e quantitativa da poesia.

Vale lembrar que o fato de os textos aparecerem em menor frequência não traduz a multiplicidade de entraves que envolvem a poesia na escola. Conforme advoga Maia (1997, p. 38), “o livro didático compreende somente uma parte da abordagem da poesia na escola”. Sabendo que este material é o

mais utilizado pelos professores, não se pode atribuir toda essa problemática ao manual colocando-o como algo independente. Com efeito, o uso que o professor faz desse recurso em suas aulas é fator relevante para determinar a apreciação ou distanciamento do leitor.

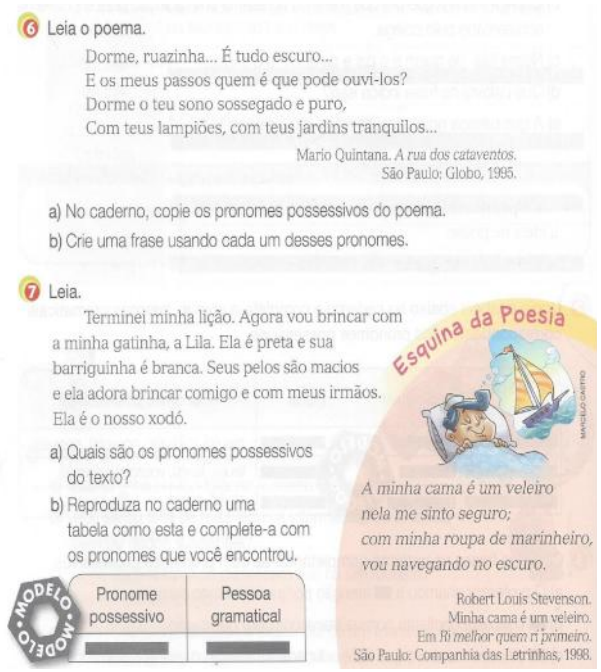
Ao analisar o livro didático utilizado pelos alunos do quinto ano do ensino fundamental na cidade de Riacho dos Cavalos, interior da Paraíba, organizado por Marisa Martins Sanches, cuja capa é ilustrada a seguir, Silva (2014) faz a seguinte caracterização desse recurso:

O livro intitula-se *Projeto*- Português, organizado pela Editora Moderna, 2011, encontra-se dividido em nove unidades, sendo que cada uma delas uma é introduzida por uma imagem que contem um título, o qual indica a temática a ser explorada, além de apresentar duas indicações de proposta intituladas “O que eu vejo” e“ O que eu sei”, indiciando uma espécie de sondagem o que o aluno vai conhecer (em termos de conteúdo) e o que já sabe/conhece.

Cada unidade divide-se em duas partes introduzidas por *texto I* e *texto II,* sendo os mesmos de diversos gêneros textuais. Após o texto principal, seguem-se três seções, assim indicadas: Gramática, Ortografia e Comunicação oral; a segunda parte da unidade é semelhante à primeira, pois inicia-se por o *texto II,* com outro gênero em foco. Após a análise da leitura, vem em seguida o trabalho com a *gramática, ortografia* ou *dicionário*. Para fechar a unidade, é apresentada uma proposta de atividade, intitulada de *Memória visual,* que

objetiva reforçar o conteúdo explorado em cada unidade. Por fim, tem-se ainda outra seção – *Fazer arte – que* retoma o título ou temática principal da unidade para oportunizar a relação do assunto estudo estudado com o seu cotidiano.

De uma forma geral, observamos que os poemas aparecem em grande número no campo das atividades complementares, postos em formas de textos soltos no canto inferior da página em seção intitulada “esquina da poesia” que aparece repetidas vezes ou em forma de fragmentos para o estudo da gramática ou da ortografia, conforme podemos verificar nos exemplos seguintes:



6 Leia o poema.

Dorme, ruazinha... É tudo escuro...
E os meus passos quem é que pode ouvi-los?
Dorme o teu sono sossegado e puro,
Com teus lampiões, com teus jardins tranquilos...

Mario Quintana. *A rua dos cataventos.*
São Paulo: Globo, 1995.

a) No caderno, copie os pronomes possessivos do poema.
b) Crie uma frase usando cada um desses pronomes.

7 Leia.

Terminei minha lição. Agora vou brincar com a minha gatinha, a Lila. Ela é preta e sua barriguinha é branca. Seus pelos são macios e ela adora brincar comigo e com meus irmãos. Ela é o nosso xodó.

a) Quais são os pronomes possessivos do texto?
b) Reproduza no caderno uma tabela como esta e complete-a com os pronomes que você encontrou.

MODELO

Pronome possessivo	Pessoa gramatical

Esquina da Poesia

A minha cama é um veleiro
nela me sinto seguro;
com minha roupa de marinheiro,
vou navegando no escuro.

Robert Louis Stevenson.
Minha cama é um veleiro.
Em *Eu melhor quem ri primeiro.*
São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

7 No caderno, forme palavras com a terminação ia.

a) vento	d) cavalo	g) prata
b) tirano	e) porta	h) calmo
c) vidraça	f) autor	i) doce

8 No caderno, forme substantivos com os verbos a seguir.

- Use as terminações ante ou dor.

a) acelerar	d) refrigerar	g) modelar
b) cicatrizar	e) acompanhar	h) vaporizar
c) pesquisar	f) golear	i) ajudar

- Use as terminações douro ou tório.

j) consultar	m) falar	p) relatar
k) suar	n) interrogar	q) abater
l) lavar	o) observar	r) beber

Esquina da Poesia

Cantador canta tristeza,
Canta alegria também.
É de sua natureza
Cantar o mal e o bem.
Pois ele tem dentro dele
O canto que o canto tem...

Ruth Rocha. Baile no sereno.
Em *Tempo de poesia.*
São Paulo: Global, 2003.

53

Silva identifica fragmentos de poemas praticamente em as todas as unidades, mas com uma função ilustrativa, ora do assunto estudado, ora porque tinha alguma relação com o conteúdo linguístico explorado, percebemos nesses casos a recorrência de produções mais curtas. Entretanto, nem sempre se tratam de poemas originalmente completos. Muitos são adaptados e/ou “cortados”, havendo, também, a transposição de textos em prosa para o formato de poema.

Na unidade que selecionou para estudo, o texto poético abre a segunda parte desta unidade, o que soa estranho, porque se a unidade se propõe a explorar o gênero, por que o poema aparece secundariamente e não abrindo a unidade? Essa constatação confirma a declaração de Maia (2001),

quando defende que os poemas, na sua maioria, são estudados como texto complementar, servindo de aporte para outras atividades.

Tanto a baixa frequência dos poemas como texto principal, quanto o lugar que ocupa nos manuais didáticos reflete uma parte dos problemas do ensino da poesia, mas não podem ser considerados os únicos responsáveis pela multiplicidade de fatores que inviabilizam o tratamento adequado ao poema, devemos lembrar das condições essenciais que são indispensáveis para o trabalho com a poesia. É importante salientar que o professor não precisa utilizar somente o manual didático como ferramenta de ensino.

Maria Neta (2013) também constata que as atividades de exploração a partir do poema ainda servem a conteúdos alheios a sua natureza, isto é, optam por trabalhar questões que giram em torno da identificação de elementos linguísticos e transcrição de informações explícitas no texto. Sendo assim, podemos afirmar que a apreciação da linguagem poética é reduzida a um tratamento que se propõe a decodificar informações e o texto poético é tomado como algo estanque.

Os estudos apontam, portanto, para o lugar secundário que a poesia ocupa no livro didático, que, em relação à exploração do texto literário, ainda é marcado por um certo utilitarismo que não é saudável a abordagem da poesia. O didatismo que orienta a manipulação dos textos é responsável pela insensibilidade ao poético e até o desinteresse do aluno em relação à poeticidade, inibindo assim a formação do leitor crítico (ZILBERMAN & MAGALHÃES, 1987).

Quando se trata da presença do gênero poético, observou-se que, comparando-se com os demais gêneros, o poema ainda ocupa um lugar discreto, há uma predominância do poema como texto complementar ou apenas fragmentos espalhados pelas unidades, sem finalidade de exploração de elementos estruturais ou poéticos. O mais grave é que nesses casos os poemas passam despercebidos tanto pelo professor quanto pelo aluno.

A forma como o professor apresenta o poema ao aluno pode ser determinante para promover a aproximação ou afastamento do discente em relação ao gênero. Sabemos que cabe ao educador construir uma prática pedagógica que contribua para que o leitor perceba as especificidades do texto poético, possibilitando a vivência e recepção do gênero através da

sensibilização. Por acreditar que o trabalho com o poema pode resultar numa experiência significativa de leitura passamos a descrever uma proposta de abordagem a partir do poema Leilão de jardim, de Cecília Meireles, que aparece mencionado no livro didático que Maria Neta (2013) analisa. Vamos à leitura do poema, cuja proposta de abordagem objetiva desenvolver a sensibilidade e valorizar o diálogo entre a literatura, por meio do poema, e outras formas de arte, a exemplo da pintura e do teatro, suscitando, assim, o gosto e o interesse pela leitura de poesia entre alunos do ensino fundamental (quinto ou sexto ano).

PASSOS DA PROPOSTA

1 Leitura e apreciação do poema “Leilão de jardim”

- Após a entrega do poema para os alunos, propor uma leitura compartilhada entre eles (2 versos para cada educando);

- Em seguida o professor faz a leitura do poema de modo expressivo, ou seja, enfatizando as sonoridades e o ritmo do texto poético, de modo que os discentes se entusiasmem ao ouvi-lo;

- Após a leitura, perguntar se gostaram do poema, o que acharam, pedir para destacar um verso que tenha achado bonito, comentar o título (por que esse título?), entre outras questões que surgirem;

- Indagar se possuem jardim em suas casas; questionar sobre outras coisas que comumente existem em um jardim, mas que não foram contempladas no poema de Cecília;

- Perguntar se comprariam as coisas do jardim que estão sendo leiloadas pelo eu lírico, entre outras coisas que serão discutidas conforme as colocações dos alunos;

2 Ilustração do “jardim” abordado no poema

- Num segundo momento, entregar uma folha de papel a cada educando e propor que cada um ilustre o jardim abordado no poema;

- Pedir pra que eles usem a criatividade e coloram seus desenhos;

- Pode-se haver uma exposição ou então o professor poderá recolher as ilustrações a fim de serem mostradas na etapa final da socialização.

3 Produção de textos com base em versos ou estrofes do poema

- Nessa terceira etapa, pedir para que os alunos se agrupem em pequenos grupos de 3 ou 4 discentes e em seguida sortear versos ou estrofes do poema, de modo que cada grupo fique responsável por um dos seres mencionados no texto poético de Cecília;

- Com base nos versos sorteados, cada grupo deverá produzir um texto que convença as pessoas a ”arrematarem” aquele objeto que está sendo leiloado no poema (sapo, borboletas de muitas cores, um raio de sol, um caracol, um grilinho);

- O título do texto pode ser o próprio verso sorteado ou então fica a critério do grupo;

- Incentivá-los para que utilizem bastante a fantasia, a imaginação e a criatividade na elaboração dos textos e, inclusive, um tom humorístico, se preferirem;

- Recolher os textos para o momento da socialização;

4 Dramatização do poema a partir do chamado “Jogo dramático”

- Formar um grande grupo com a turma e dividir os papéis para cada educando conforme os bichos e coisas retratadas ao longo do poema (“borboletas”, “sol”, “caracol”, “sapo”, etc), podendo duplicar a quantidade dos animais e coisas de acordo com o número de alunos;

- Escolher um aluno para dar início à encenação, de preferência um discente que seja comunicativo, que vá recitando o texto enquanto os demais interpretarão os seres que estiverem representando;

- As vestes ou adereços poderão ser confeccionados pelos próprios alunos, como por exemplo, máscaras, asas de borboletas, pétalas de flores, cabeça de sapo, etc. Além desses elementos, os discentes poderão usar vestimentas monocromáticas, padronizadas de acordo com o ser que representará. Por exemplo, quem estiver interpretando o sol (“raio de sol”) poderá ir com uma roupa toda amarela, quem estiver interpretando o sol poderá ir todo de verde e assim por diante;

- A confecção das fantasias ficará por conta dos recursos disponíveis na escola e pelos próprios alunos.

5 Socialização da experiência de leitura de “Leilão de Jardim”

- Preparar o ambiente onde ocorrerá a socialização de modo que as ilustrações feitas pelos alunos na segunda etapa de leitura estejam dispostas em murais ou paredes do ambiente;

- Para a socialização da experiência, poderão ser convidados gestores da escola, pais de alunos e outras turmas da instituição escolar;

- Inicialmente, o professor poderá pedirá que sejam contempladas as ilustrações e explicar que resultaram da leitura do poema Leilão de Jardim, de Cecília Meireles, o qual poderá ser lido ou declamado por um aluno previamente preparado;

- Depois da dramatização do poema, os grupos de educandos lerão/apresentarão os textos produzidos na terceira etapa da proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que a proposta sugerida faça os professores entenderem que o livro didático não deve ser o único recurso a ser utilizado em sala de aula, pois as limitações identificadas na abordagem do texto literário, especificamente da poesia, não favorece a formação de leitores críticos. Esse instrumento precisa ser complementado com outros subsídios de leitura.

Também acreditamos que o professor deve estar atento a sua prática, conhecer as experiências já divulgadas e compreender que o planejamento de práticas leitoras exige reflexão, leitura e conhecimento de obras que possam ampliar o horizonte de expectativas dos seus alunos.

REFERÊNCIAS

AVERBUCK, L. M. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, R. (Org.) *Leitura em crise na escola*: as alternativas do professor. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática,1986.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antunes. *Literatura infantil*: teoria e prática. 18 ed. São Paulo; Ática, 2003.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira*: História & Histórias. 6 ed. São Paulo: Ática,1994.

LAJOLO, M. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, R. (Org.) *Leitura em crise na escola.* 4 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

_____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo.* 6 ed. São Paulo: Ática, 2002.

MAIA, Ângela Maria. *O texto poético*: leitura na escola. Maceió: EDUFAL, 2001.

MARIA NETA, Ana. *A poesia no livro didático do 9º ano do ensino fundamental.* 2013. (Trabalho de Conclusão de Curso de Letras). Catolé do Rocha – Paraíba.

PEREIRA, H. R. & SILVA, V. L. *Modos de Abordagem do poema em livros didáticos de 7ª e 8ª séries.* 1996. (Monografia de Conclusão de Curso de Letras). Campina Grande – Paraíba.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula.* Campina Grande: Bagagem, 2007.

PONDÉ. Glória Maria Fialho. Poesia para crianças: a mágica da eterna infância. In: KHÈDE, Sônia Salomão (Org.). *Literatura Infanto-Juvenil*: um gênero polêmico. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SILVA, Maria Edivânia Sousa da. *O poema no livro didático do 5º ano do ensino fundamental.* Catolé do Rocha – Paraíba. 2014. (Trabalho de Conclusão de Curso de Letras)

ZILBERMAN, Regina e MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura Infantil:* autoritarismo e emancipação. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.